

O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO E A SUA DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

Elisângela da Silva Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo traçar as relações trabalhistas, sociais e raciais existentes na obra de Monteiro Lobato destinada ao público infantil, intitulada *O Sítio do Picapau Amarelo*. Partindo da perspectiva de que podemos encontrar no texto elementos do pensamento social brasileiro dos anos 20 e 30 do século XX, momento de composição e divulgação da obra.

Palavras-chave: Literatura infantil. Brasil. Trabalho e sociedade.

ABSTRACT

This article aims to delineate the work, social and racial relations that exist in the works of Monteiro Lobato destined for children, denominated as *Sítio do Picapau Amarelo*. We are going to have as base the perspective that we can find elements of the Brazilian social thinking of the 1920s and 1930s, when happened the divulgation and composition of the work.

Key word: Infantile literature, Brazil. Work and society.

As personagens Tia Nastácia e Tio Barnabé da literatura infantil de Monteiro Lobato são, no Sítio do Picapau Amarelo, os representantes do “trabalho livre” no Brasil dos anos 20 do século passado. Ambas as personagens são negras e consideradas livres, entretanto, são descendentes de escravos e agregados da família branca, ou seja, a “hospitalidade” dispensada a eles é conquistada a custa de uma troca de favores entre ambas as partes. Tio Barnabé e Tia Nastácia trabalham para Dona Benta e, em troca, esta oferece um lugar onde eles possam morar.

Tia Nastácia e Tio Barnabé são apresentados pelo narrador nos dois primeiros livros que compõem a série de livros infantis do autor. No livro *Reinações de Narizinho* (1932), Tia Nastácia é descrita como “[...] uma negra de estimação da família [...]”, e

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciência-Campus de Marília. Mestranda do curso de Ciências Sociais. Email: licass20@yahoo.com.br.

Tio Barnabé, no livro *O Saci* (1921) como “[...] um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte”.

A “negra de estimação” Tia Nastácia é a criada da casa que muitas vezes é vista como a cozinheira de “deliciosos quitutes”, o que sugere que ela mantém com a família proprietária uma relação simpática, conduzindo muitos leitores de Lobato a aceitarem como legítima a condição social atribuída a ela. Por ser uma descendente de escravos, segue a “ordem natural”, a de que os negros deviam servir aos brancos, mesmo após a Abolição. Não obstante, um dos nossos intuitos nesta pesquisa é o levantamento de aspectos que nos auxiliem na percepção da conotação da palavra estimação. Inicialmente, tal palavra nos conduz a dois significados, o da admiração e consideração por alguém, e o outro é aquele que se estima por ter em casa há algum tempo, como um animal doméstico, por exemplo.

A relação entre Tia Nastácia e Dona Benta é marcada pelo favor. A primeira não recebe salário para trabalhar na casa, apenas recebe em troca de seus serviços a moradia, a comida e a vestimenta, portanto, não pode ser vista como uma trabalhadora livre, que obedece aos estritos princípios racionais capitalistas de produção. Princípios estes marcados pela relação impessoal entre patrão e empregado, salários e trabalho e organizado. Como observou Sandra Lauderdale Graham (1992):

Ser uma criada significava, sobretudo viver proxicamente a um amo ou senhor; assim, compreender suas vidas requer consideração dos pressupostos culturais que viabilizam a vida doméstica cotidiana. As criadas atendiam às exigências de trabalho e obediência e, em troca, recebiam a proteção. De sua parte, os senhores as proviam nas necessidades diárias, cuidando delas quando estavam doentes e proporcionando uma infinidade de favores arbitrários que tornava concreto seu papel de patrões.

Apesar desta autora ter focado a relação entre as criadas e seus patrões no Rio de Janeiro entre os anos de 1860-1910, podemos estender suas análises até a relação existente entre Tia Nastácia e Dona Benta no país idealizado de Monteiro Lobato no Sítio do Picapau Amarelo, onde notamos que o poder desempenhado pela senhora Dona Benta e seus dependentes, agregados, Tia Nastácia e Tio Barnabé, era privado e pessoal, não havia uma instituição pública que estes pudessem recorrer na defesa de seus direitos, como ex-escravos, já que nesta condição também não são, a rigor, trabalhadores livres. O costume vigente afirmava práticas pautadas na herança do sistema escravocrata.

A cozinha é o lugar onde Tia Nastácia encontra seu limite social na maioria dos livros de Lobato. Ela apenas aparece nas histórias quando as personagens brancas precisam de seus serviços. Exemplo dessa aparição coadjuvante é o livro *Serões de Dona Benta* (1937), a avó oferece às crianças serões científicos sobre ciência, já que elas estavam

interessadíssimas em aprender mais ciência desde a descoberta de petróleo nas terras de Dona Benta, história narrada no livro *O poço do Visconde* (1936). Tia Nastácia não é convidada a participar das aulas, o saber científico não é destinado a ela, como pode ser notado nas passagens seguintes:

Tia Nastácia está tocando a campainha – sinal dum frango assado que vai ser uma delícia. Vamos almoçar (p. 30). [...] Tia Nastácia havia gritado *lá da cozinha*: Pipocas!.

É desta forma que os *Serões de Dona Benta* (1960) seguem e são interrompidos apenas nos momentos em que Tia Nastácia está pronta para servir. A casa é dividida entre a criada *lá* na cozinha trabalhando e Dona Benta e as crianças na sala aprendendo ciência. Desta forma, poderíamos questionar porque este conhecimento não abrange a todos os habitantes do sítio/Brasil? Conforme Moema Selma D’Andrea (1997), o analfabetismo freqüente das populações rurais, principalmente escravos, era folclorizado para alguns autores como Gilberto Freyre, pois seria uma defesa da tradição “genuinamente brasileira”. Tia Nastácia representa uma cultura não letrada e não científica, a sua cultura está arraigada nos saberes tradicionais e populares, mas, como veremos, nem por isso este saber será visto em pé de igualdade com aquele que se deseja ensinar no Sítio.

Apenas no livro *O poço do Visconde* (1936), onde todos se empenham na tarefa de descobrir petróleo no Sítio e salvar o país de sua situação de atraso na extração de seus recursos naturais, a criada é convidada por Pedrinho a participar do serão oferecido pelo Visconde:

Pedrinho arrumou a sala como um anfiteatro de escola superior. Um tamborete em cima da mesa ficou sendo a cátedra do mestre. Na primeira fila de cadeiras sentaram-se Narizinho, Emília e ele. Na segunda, Dona Benta e Tia Nastácia. Pedrinho fez questão de que a pobre negra também se formasse em geologia.

É importante ressaltar que Visconde falará de cima da mesa, sentado num tamborete “como no ensino superior”, o que sugere um ensino formalizado, apesar de ser em forma de serões, as práticas do sabugo demonstram uma hierarquia explícita na forma dos rituais acadêmicos. Este dado retrata uma suposta superioridade e sabedoria do gênio. No final do serão:

Todos concordaram que a lição do Visconde fora boa, exceto Tia Nastácia. A negra dormira o tempo inteiro. E quando Narizinho a censurou por causa disso, respondeu com a maior sinceridade:

– Pra que ouvir menina? Não entendo nada mesmo [...].

A “pobre negra” tivera a oportunidade, oferecida por Pedrinho, em se formar em Geologia, porém, sua condição social e cultural não ofereceu a possibilidade de entender a linguagem científica, formal, que Visconde usara para a aula. Tia Nastácia, ao mesmo tempo em que é protegida por Pedrinho, que permite sua participação nas aulas, é também criticada por Narizinho, por não saber fazer uso da oportunidade que lhe foi dada.

O “narrador social”², portanto, se reveste de suas personagens para demonstrar na sua obra uma característica freqüente em nossa sociedade no século XIX e começo do XX: o patriarcalismo. Daí um elemento constitutivo fundamental da metáfora de Brasil existente no Sítio do Picapau Amarelo, pois, neste caso, as personagens de Lobato compõem o conjunto social característico do Brasil tradicional. Participando e compreendendo os conhecimentos passados pelo sábio Visconde estão as crianças e a avó Dona Benta, já Tia Nastácia, como não consegue compreender os conhecimentos científicos, devido sua condição social, sofre uma espécie de discriminação: a proteção, neste caso dispensada por Pedrinho a Tia Nastácia só é válida a partir do momento em que esta ocupa o seu devido lugar: a cozinha, espaço que não divide com ninguém, além de suas preocupações rotineiras em preparar os pratos que agradam a família branca. A relação desenvolvida entre os senhores e seus servos disfarçava o caráter arbitrário do mandonismo, representado pela proteção dos senhores e subserviência dos seus protegidos. Como ressaltou D’ Andrea (1992), comentando o texto de *Senhora de Engenho*, onde o narrador desenha uma simpatia pelos trabalhadores do engenho e suas manifestações festivas:

Na mesma similaridade metafórica (mas em indisfarçável confronto qualitativo com o negro), o regime escravocrata vê-se nostalgicamente agregado à figura do senhor patriarcal, visto pela ótica “natural e legítima” da relação senhor/escravo .

Portanto, percebemos que a escravidão, encarada como instituição legítima, extinta no fim do século XIX, encontrava um sentimento de nostalgia no século seguinte e também um sentimento de aceitação de uma ordem, vista como “natural”, ou seja, o patriarca possui plenos poderes sobre seus servos, isso não escapa às relações presentes no sítio de Dona Benta.

Roberto Schwarz (1997), ao analisar o patriarcalismo no texto “A poesia envenenada de Dom Casmurro”, nos oferece elementos importantes no que concerne à

² Estamos usando a idéia de narrador social entendendo que o narrador contido no corpo das obras literárias representa o pensamento do seu tempo, isto é, ultrapassa o seu autor para representar o seu segmento social bem como as suas perspectivas históricas e ideológicas. Neste sentido, o narrador expressa uma visão de mundo que é resultado da sociedade que forma uma geração ou uma camada social.

ambigüidade patriarcal brasileira. Conforme o autor, ocorria no Brasil do final do século XIX e início do XX, um confronto entre interesses modernos e os interesses patriarcais que regiam a ordem econômica vigente. Simultaneamente aos valores católicos, à elite não escapava os valores econômicos individuais. O mandonismo e a dependência pessoal direta excluía a forma de vida autônoma, conduta esperada e inseparável de um cidadão “evoluído” do século XIX, numa pátria que almejava à civilização e ao progresso. É neste sentido que podemos apontar uma das ambigüidades inerentes à obra infantil de Lobato.

Dona Benta, a matriarca da família branca, no livro *Serões de Dona Benta* (1937), ensina ciência aos netos, embasada num cientificismo progressista e técnico. Seus netos recebem esses ensinamentos como sendo universais, entretanto, se deparam no interior da própria casa, com relações sociais arcaicas, Tia Nastácia e Tio Barnabé são tratados como agregados e devedores de determinados favores, por isso devem trabalhar para a família de Dona Benta sem receberem um salário em troca, ou seja, os valores racionais burgueses, neste sítio estão incompletos. Observe-se ainda que ao lado do saber cientificista passado pela avó, está convivendo no mesmo espaço, o saber popular. E esse saber popular, em tese, não seria proveitoso assim como o científico, pois não ensina como abrir poços de petróleo, como as máquinas funcionam e, por isso, não “serve” como alavanca de mudança dos problemas nacionais que tanto preocupavam o idealizador de um “projeto nacional” no Sítio do Picapau Amarelo/Brasil.

A AMBIGÜIDADE PATRIARCAL:

Desta maneira, a dialética da exploração patriarcal versus a exploração da nova ordem burguesa, tratada dicotomicamente, faz dissolver a primeira na simpática relação do compadrio, na “docilidade” com que os “negros” eram tratados – animais domésticos também – chamados de crias-da-casa (D’ANDREA, 1992, p.78).

Tia Nastácia é uma cria-da-casa, uma “negra de estimação” que ora é “bem tratada” por Pedrinho, ora ouve as ofensas da perversa boneca Emília, e são nessas ofensas que reside a tentativa de Lobato em mostrar às crianças que era necessário argumentar contra a “ignorância” e a falta de sentido da tradição. Entretanto, a tradição, mesmo que renegada muitas vezes pelo narrador, persiste em muitos aspectos. Tia Nastácia respeita a forma de tratamento tradicional em relação à Dona Benta, pois se refere a ela como sendo sua Sinhá, conservando assim a forma de tratamento que os escravos dispensavam aos seus senhores.

Pedrinho, ao permitir que Tia Nastácia assista às aulas de Geologia de Visconde, sugere uma generosidade para com as pessoas do povo, entretanto essa generosidade é encarada como desnecessária já que não levaria Tia Nastácia a lugar nenhum:

Essa ótica que assinala e vigia o distanciamento entre dois segmentos sociais é, no entanto, ambígua porque usa o decalque de uma pseudo-igualdade que, no plano da representação, apazigua as possíveis tensões de conflitos de classe (D'ANDREA, 1992, p.177).

As tensões e os conflitos de classe são harmonizados devido ao fato de Tia Nastácia ser uma dependente de Dona Benta, ou seja, a relação de trabalho entre o servo e o senhor, não é a mesma que a relação entre operário e patrão. À vontade de Dona Benta representa a autoridade suprema na unidade social da casa, ela é a chefe da família enquanto Tia Nastácia “serve” esta família, os papéis estão muito bem definidos.

Tia Nastácia assume essa lógica de funcionamento da sociedade escravista de tal forma que passa a aceitar e a defender os valores da família branca como seus. O que pode ser observado no livro *O poço do Visconde* (1936). Ao ser descoberto o petróleo nas terras de Dona Benta inúmeras mudanças ocorrem na Vila do Tucano Amarelo. Enquanto que a maior satisfação de Tia Nastácia foi saber que não precisava mais comprar sal na venda do Elias Turco, já que poderiam extrair o produto com a perfuração do poço de petróleo:

— Ora graças! A gente secando no fogo uma salmoura dessas fica sal no fundo — sal igualzinho àquele que a gente compra. Podemos secar bastante água desse poço e fazer um monte de sal para cozinhar o mês inteiro — e pelo menos nesse mês a gente não engorda a barriga daquele turco ladrão. Mil e quinhentos por um saquinho de nada, Sinhá. Onde já se viu sal pelo preço que o turco está vendendo? Vá ser ladrão na terra dele, credo!...

Neste caso, podemos observar que Tia Nastácia defende o dinheiro que não lhe pertence, acha um absurdo que Elias Turco cobre um preço, considerado por ela exorbitante, por um saquinho de sal. Reclama e fala mal do comerciante e quando fica sabendo que ele partiu para a Turquia, após passar o ponto de sua venda para aqueles interessados em explorar petróleo nas redondezas do sítio de Dona Benta, ela afirma: “-Que vá furta na terra dele — [...]” (LOBATO, 1968, p. 176)

De acordo com a análise de Roberto Schwarz (1997, p. 20):

Está fixado o padrão do agregado distinto, que fala, pondera, conta vantagem ou destrata os vizinhos, com a autoridade de alguém da família, dentro da qual, contudo tem situação inteiramente incerta, dependendo sempre de acomodações mais ou menos humilhantes.

Desta forma, a dependência pessoal de Tia Nastácia em relação à Dona Benta, constrói para ela uma idéia de pertencimento que se exprime numa determinada dignidade que oferece alusão ao estatuto de indivíduo livre na ordem burguesa moderna em que o Brasil queria inserir-se. A criada, mesmo não recebendo um salário em troca de seus serviços, por isso não tem noção da disponibilidade do dinheiro próprio, dá como inaceitável a extorsão ao dinheiro da patroa, feita pelo dono da venda.

Tia Nastácia representa a honestidade destituída de qualquer subversão ou pretensão, a desconfiança que muitos patrões tinham de seus criados no Brasil deste período não ocorre no Brasil idealizado de Lobato, pois aqui existe uma “harmonia perfeita” entre as partes que representam um todo, ou seja, a relação entre senhores e servos funciona dentro da lógica da cooperação e da troca de favores.

A relação de favor sugere uma certa liberdade a Tia Nastácia, porém a limita por meio de “regras de conduta”. Ela sabe que “deve” algo à Dona Benta, pois esta lhe ofereceu comida, casa, roupas e remédios, por isso, não pode ir embora do Sítio, deve continuar retribuindo aos favores que recebeu. Citando novamente Schwarz (2000, p. 16-17):

O favor é a nossa mediação quase universal – e sendo mais simpático do que o nexo escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção.

A herança escravista que deixara fortes marcas para o país, apesar do encobrimento da violência, não conseguiu apagar as marcas e as relações sociais que existiam até o momento em que Lobato escreve para os jovens leitores. Deste modo, a “negra beicuda”, como é definida por Emília era estimada porque trabalhava conforme os padrões impostos pela patroa e também porque dependeu de sua moradia e de seus favores desde o momento em que nasceu. Deste modo, percebemos que a literatura voltada para a formação das crianças, passou adiante o espírito ilustrado muito presente no período em que Lobato escreve. E esse espírito ilustrado, serviria para perpetuar o domínio da classe detentora do saber sistematizado e dos bens materiais.

TIA NASTÁCIA: A INFORMANTE DE UMA CULTURA “ULTRAPASSADA”?

No livro *Serões de Dona Benta* (1937), a casa-grande do Sítio é marcada pela seguinte dicotomia: a avó ensinando ciência para as crianças, Narizinho, Pedrinho e Emília, e do outro lado, lá na cozinha está Tia Nastácia, trabalhando.

Para exemplificar que todos fazem uso de conhecimentos científicos, inclusive o povo, Dona Benta sempre evoca Tia Nastácia como exemplo. Como pode ser notado na seguinte passagem:

Até Tia Nastácia que Emília chama de poço de ignorância, sabe um monte de coisas científicas – mas só as sabe praticamente, sem conhecer as razões teóricas que estão nos livros. Querem ver?

E Dona Benta chamou a preta.

– Tia Nastácia, que é do pano com que você enxugou a mesa de ontem?

– Está no varal, secando, *Sinhá*.

– Bem. Pode ir.

A negra retirou-se com um resmungo e Dona Benta prosseguiu:

Vê como ela sabe coisas e como aplica as ciências?

E assim os serões científicos prosseguem e Tia Nastácia serve como exemplo vivo de que ela sabe utilizar os conhecimentos práticos do dia-a-dia, já Dona Benta e as crianças, ficam com a parte considerada “sofisticada” do saber: sentados confortavelmente nas poltronas da sala eles aprendem para pôr em prática planos mirabolantes – como abertura de poços de petróleo – para solucionar os problemas nacionais que mais preocupam o idealizador desse projeto de Brasil:

Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena ganha as primeiras atenções: ela desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves, mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social (LAJOLO, 2001, p.1).

E como observou a mesma autora, o livro *Histórias de Tia Nastácia* (1937), vai servir como uma espécie de estudo sobre a mentalidade do “povo brasileiro”, seria uma espécie de prática antropológica a fim de descobrirem alteridades e exotismos pertencentes à Tia Nastácia. Nos seus relatos, a cozinheira assume o lugar de contadora de histórias ouvidas por ela em sua infância. A idéia dessas histórias surge quando Pedrinho pergunta a avó o que é folclore e Dona Benta responde que é o saber popular, e como Tia Nastácia é vista como uma das representantes do povo no Sítio, Pedrinho diz querer ouvir suas histórias.

Percebemos que a ilustração da elite – passada às crianças pela avó – não era destinada para o conjunto da população, a cultura de Tia Nastácia era definida como folclórica, ou seja, seria algo singelo e pitoresco. Vejamos isto no seguinte diálogo entre Pedrinho e Emília:

– Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando um para o outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos.

– Não está má idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

É a partir de então que as crianças e Dona Benta começam a se aproveitarem “dessa coisa muito interessante” que não tinha notoriedade até então. As histórias de Tia Nastácia são consideradas simples, ingênuas e bobas pelos ouvintes. Em muitas delas, a presença de reis, rainhas e princesas é constante. É o que pode ser observado na primeira história do livro, intitulada “O Bicho Manjaléu”.

A NARRATIVA DE TIA NASTÁCIA

Nesta passagem, Tia Nastácia conta a história de um velho que tinha três belas filhas, e era muito pobre. Certa vez parou um moço sobre um cavalo em frente sua casa dizendo que queria comprar uma de suas filhas. O velho reagiu ofendido e afirmou que não trocava nenhuma delas por dinheiro nenhum, porém o moço o ameaçou e ele tivera que ceder uma das moças.

No dia seguinte, a mesma cena se repetiu, um segundo rapaz apareceu com a mesma proposta, o velho acuado cede mais uma vez. No terceiro dia, a história se repete e sua última filha é levada. O velho enriquecera, porém ficara sem as filhas, apenas na companhia dum filho mais novo. Este filho fica sabendo da história e decide sair em busca de suas irmãs. No meio do caminho encontrou três marmanjos brigando por causa duma bota, uma carapuça, e uma chave mágica. “Quando alguém dizia à bota: “Bota, bota-me em tal parte!” a bota botava. E se diziam à Carapuça: “Carapuça, encarapuça-me!” a carapuça encarapuçava, isto é, escondia a pessoa. E se diziam à chave: “chave, abre! A chave abria qualquer porta”.

O rapaz comprou os três objetos e ordenou que a bota o colocasse dentro da casa da primeira irmã. Esta era dona de um palácio e o recebera muito bem. Ela se encontrava muito triste, pois o príncipe que a comprara, o Rei dos Peixes, era muito bravo e não permitia que ninguém freqüentasse o palácio. A irmã temia que o marido não gostasse da presença do irmão, ele utilizou a carapuça mágica para se esconder.

No jantar, a rainha perguntara ao marido se poderia receber o irmão, ele disse que se lá o irmão dela fosse, seria bem tratado. Então o irmão apareceu e contou-lhe a história, o rei o convidou para ficar morando no palácio, mas ele recusou dizendo que precisava encontrar as outras irmãs.

Ao ir embora, o rei ofereceu ao cunhado uma escama de peixe, que quando estivesse em perigo poderia dizer “valha-me, Rei dos Peixes!”. Saindo da casa da primeira irmã, o menino ordenou à bota que o colocasse na casa da segunda. Esta o recebeu e era esposa do Rei dos Carneiros, que também era bravo, mas o rapaz fez a irmã ficar despreocupada, pois falou de seus truques.

O Rei dos Carneiros também o recebeu bem e lhe ofereceu um fio de lã para quando estivesse em apuros, bastava dizer “Valha-me, Rei dos Carneiros”. Saindo deste palácio, pediu que a bota o levasse à terceira irmã, esta era casada com o Rei dos Pombos, e tudo ocorreu da mesma forma que havia ocorrido nos dois palácios anteriores. Este cunhado lhe ofereceu uma pena para quando estivesse em perigo escapasse dizendo “Valha-me, Rei dos Pombos!”.

Ao sair do último castelo começou a pensar no reino da Rainha de Castela, que os três cunhados mencionaram e disseram que se as botas mágicas pertencessem a eles, iriam visitar a tal Rainha. Assim fez o rapaz. Chegando lá soube que se tratava de uma princesa solteira e linda. Todos que passavam em frente à sua janela a olhavam, por isso ela jurou que só se casaria com o primeiro que passasse e não olhasse para ela. Assim fez o rapaz, passou por ela, mas não a olhou. Então eles se casaram, a princesa sempre teve curiosidade sobre os objetos mágicos do marido, mas o que mais lhe chamava a atenção era a chave que abre todas as portas.

A razão disso era haver no palácio uma sala sempre fechada, onde o rei não permitia que ninguém entrasse. Nela morava o Manjaléu, um bicho feroz, que por mais que o matassem ele revivia sempre. A princesa andava ardendo de curiosidade de ver o bicho Manjaléu, e certa vez, em que o rei e o marido foram à caça, pegou a chave e abriu a porta da sala do mistério. Mas o bicho feroz pulou e agarrou-a dizendo: “Era você mesma que eu queria!” e lá se foi para a floresta com a pobre moça no ombro.

Quando o pai da princesa e o seu esposo retornaram, ficaram sabendo dos fatos, desesperado o marido disse às botas que o levasse para onde a esposa estava. Ela estava sozinha na floresta e o Manjaléu estava caçando. O esposo disse que precisava matá-lo, mas não sabia onde ele escondia a vida, já que outras pessoas já tentaram em vão.

A princesa armou uma cilada, quando o Manjaléu voltou perguntou onde ele guardava a vida. Depois de muito insistir ele contou que estava no fundo do mar, num caixão, “nesse caixão há uma pedra; dentro dessa pedra há uma pomba; dentro dessa pomba há um ovo; dentro do ovo há uma velinha que é minha vida. Quando essa vela apagar-se eu morrerei”.

Com a escama do rei dos peixes, o marido da princesa descobriu onde estava o caixão, abriu e lá estava a pedra, com o auxílio do fio de lã do rei dos carneiros, surgiram diversos carneirinhos que o ajudavam a quebrar a pedra. O Manjaléu já sentia a morte se aproximando. Da pedra saiu uma pomba voando, e com a ajuda da pena doada pelo Rei dos Pombos, muitos pombos surgiram e foram à caça da pomba que continha o ovo com a vela dentro. O marido da princesa a assoprou e o Manjaléu morreu.

Estava o reino de Castela livre daquele horrendo monstro. O moço levou a princesa para o palácio, onde o rei a recebeu com lágrimas nos olhos. E para comemorar o grande acontecimento decretou uma semana inteira de festas. E acabou-se a história.

Após concluir sua primeira história, Tia Nastácia ouviu o “julgamento” das crianças sobre ela e um primeiro veredicto surge de Emília: “– Essas histórias folclóricas são bastante bobas – disse ela. Por isso é que não sou democrática!” Acho o povo muito idiota. Narizinho também sentenciou: “– Eu também acho muito ingênua essa história de rei e de princesa e botas encantadas [...]. Depois que li Peter Pan, fiquei exigente. Estou de acordo com Emília”. Aqui percebemos a defesa da literatura livresca em detrimento do conto de Tia Nastácia.

Por fim, Pedrinho como mentor do projeto de extrair folclore de Tia Nastácia diz: “- Pois eu gostei da história [...] porque me dá idéia da mentalidade do nosso povo. A gente deve conhecer essas histórias como um estudo da mentalidade do povo”.

Por mais que as histórias de Tia Nastácia sejam vistas como idiotas, bobas e ingênuas, a idéia de Pedrinho prevalece, ou seja, a vontade de conhecer a mentalidade do povo continua, nem que seja para rechaçá-la ou desprezá-la. Conforme as histórias se seguem, as críticas por parte das crianças e de Dona Benta vão se tornando mais ferrenhas. O que podemos notar sobre os comentários da história intitulada “A princesa ladrona”, principalmente os da boneca Emília, que diz sentir falta de grandes escritores como Andersen e Carrol. Em seguida Dona Benta afirma:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo...Que é povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulterados ainda [...]. O povo é muito conservador, de modo que as histórias que de pais a filhas a gente do povo conta são corocas, vêm do tempo da idade média, quando não existiam jornais nem livros.

A cultura, referida por Dona Benta seria aquela advinda da Europa recentemente, isto é, a cultura racional e científica, e também a literatura, os contos infantis, a arte,

cujo modelo deveria ser sempre europeu curiosamente, reforçando aquilo que os artigos de Lobato, destinados ao público adulto, questionava: a nossa submissão à cultura europeia. Portanto, no projeto de país no Sítio, feito à imagem e semelhança do Brasil real, o povo seria relegado à condição de folclore, mas seria necessariamente conduzido pela elite culta, pois o povo seria incapaz de entender o mundo moderno e sair do que o autor denomina conservadorismo. Como observa Lajolo (2001, p. 4):

É quase como se pudéssemos dizer que, no Brasil dos anos 30 que se queria moderno, só restava a Tia Nastácia desempenhando o papel de informante, de fornecedora de histórias das quais as outras personagens lobatianas se apropriavam como antropólogo em viagem de campo, garimpando alteridades e exotismos que, retrabalhados passam a construir tanto objeto de ciência (o folclore) quanto objetos de alta valorização estética (a obra modernista), em nenhum dos dois casos retornando o produto a seus sujeitos de origem.

A linguagem de Tia Nastácia é coloquial e muitas vezes o seu português não condiz com a forma gramatical formal e, por isso, as crianças e Dona Benta a criticam. Suas histórias são simples e destituídas da linguagem cientificista que as personagens da obra infantil lobatiana estão acostumadas. O desfecho desta história ocorre quando Tia Nastácia diz:

Entrou por uma porta
saiu por um canivete;
manda o rei meu senhor
Que me conte sete.

Emília afirma após ouvir este final:

– Que história de contar sete é essa? – perguntou Emília quando a negra chegou ao fim. Não estou entendendo nada.

– Mas isto não é para entender, Emília – respondeu a negra. É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da princesa ladrona, que eu passo para adiante do jeito que recebi.

O padrão universal do conhecimento é cobrado de Tia Nastácia, porém tal padrão não condiz com a posição social que ela ocupa no Sítio de Dona Benta e tampouco com o lugar a ela destinado. Seus saberes, os da cozinha, os da tradição, não são considerados saberes. A ciência, tida como o conhecimento universal, não encontra tamanha generalização acessível nos livros de Lobato.

O IMAGINÁRIO DE TIA NASTÁCIA

Da história de Tia Nastácia que relatamos, *O Bicho Manjaléu*, podemos extrair algumas analogias entre sua vivência e sua imaginação. Como observou Robert Darnton em *O Grande Massacre de Gatos* (1988), a tradição oral pertencente à cultura camponesa do Antigo Regime, malgrado a existência ocasional de toques de fantasia, os contos permanecem enraizados na realidade e quase sempre ocorrem em dois contextos que representam o duplo cenário da vida dos camponeses, de um lado a aldeia, e do outro a estrada aberta.

Como percebemos, Tia Nastácia possui um referencial medieval, em suas histórias, a presença de reis, príncipes, princesas e camponeses são freqüentes. Na história que relatamos sobre “*O Bicho Manjaléu*”, por exemplo, poderíamos encontrar diversas analogias com a forma de vida que a criada estava acostumada. Em princípio, o pai pobre é obrigado a vender as filhas para os príncipes, assim como a história dos negros no Brasil, onde muitas famílias foram esfaceladas devido o interesse dos fazendeiros, que ora importava apenas as mulheres e homens, ora apenas as crianças. Esses escravos não tinham opção, eram vendidos como mercadoria e seus destinos a seus senhores pertenciam.

Nota-se que apesar de Tia Nastácia pensar em histórias mágicas, ela não consegue se desvencilhar totalmente da realidade a qual pertence. Na história também vemos que todas as filhas que foram compradas pelos respectivos esposos são submissas a eles, como se fossem seus senhores, assim como eram as criadas aos senhores, assim como Tia Nastácia à Dona Benta. É uma relação descrita, mas não questionada, é contada de forma a acreditarmos que seja o percurso natural de um casamento, ou de uma relação entre criadas e senhores.

As soluções encontradas pelo irmão das moças compradas é a esperteza aliada à magia, com as botas, as chaves e a carapuça, ele é capaz de driblar todas as peripécias e encontrar as irmãs e a mulher amada, porém ele não vai até os castelos para buscar as irmãs, ele é bem recebido por todos os cunhados, por isso não pensa em romper com a ordem estabelecida por eles: a troca de pessoas por dinheiro. O filho, que foi responsável pela ação na história, mesmo sabendo que as irmãs são infelizes, não as leva de volta para a casa do pai.

Finalmente o bicho Manjaléu, que é o mal inexplicável e maior. Aqui o mal é resolvido e “deletado” através da magia. Com a morte do Manjaléu a trama é solucionada e todos vivem felizes para sempre, mas da forma em que estão, os pobres permanecem subjugados aos ricos, mesmo que contem com a magia e com a esperteza.

BRASIL REAL *VERSUS* BRASIL IDEAL

Como pontuou Lajolo (1985), o Brasil de Tia Nastácia e de Tio Barnabé se funde com o Brasil moderno onde se encontra petróleo, viaja à lua e se aprende ciência. A fusão entre essas duas formas de vida, de que fala a autora, coexistiram no Brasil do momento que buscava sua modernidade e sua identidade cultural. Mas, o pensamento tradicional e do povo deveria ser ultrapassado dando espaço ao conhecimento produzido pela elite letrada. Mas, podemos dizer que essa “superação” não ocorreu, pois o atraso e o moderno se mantiveram na vida brasileira, dando o caráter ambíguo de nossa cultura e sociedade.

A função de Tia Nastácia neste organismo social organizado no sítio é todo o trabalho doméstico existente na casa, e a função de Tio Barnabé é o trabalho braçal, portanto, nota-se que o papel de ambas as personagens é muito bem delineado. Se o confinamento social da criada é a cozinha, o do agregado que mora num rancho nos fundos da casa é encontrado dentro da propriedade de Dona Benta, mas distante da “casa-grande”. Porém, é importante ressaltar que a avó das crianças tem a “posse” de seus empregados, já que eles são dependentes dela, pois como descendentes de escravos que ficaram nessas terras por não terem para onde seguirem. Assim como no Brasil real, situado historicamente, no Brasil ideal, que se dá no nível da utopia, os negros não tiveram destinos diferentes. É interessante observar, porém que não estamos tentando exigir do texto literário aquilo que ele não pode fornecer, apenas mostrar quanta referência ele tem dos acontecimentos do tempo em que foi escrito, uma vez que o texto literário pode ser pensado como uma síntese profunda e reorganizada do movimento histórico e, como já dissemos, não pode ser confundido com a realidade. O fato é que no Brasil ideal imaginado a partir do Sítio do Picapau Amarelo, muita coisa do Brasil real permaneceria e o “lugar” destinado à Tia Nastácia e ao Tio Barnabé era o mesmo que se destinava aos negros segundo um certo pensamento social do período.

Portanto, o mesmo destino que os negros brasileiros foram submetidos, os negros na utopia de Lobato também teriam: dependência dos seus antigos senhores, discriminação cultural e social e servidão. Assim, o Brasil metafórico construído no Sítio do Picapau Amarelo, não deixava de refletir nossa “modernidade incompleta”, pois tal obra, foi confeccionada num contexto histórico-social em que nossos intelectuais buscavam mudanças econômicas e políticas, mas ao mesmo tempo, permanecíamos sob as mesmas estruturas sociais.

Olhando sob uma perspectiva crítica e atual, pode-se dizer que a ambigüidade foi uma característica freqüente que marcou a relação de dependência e de racismo velado a ela inerente. “Permitir a permanência” de ex-escravos como agregados foi uma forma de continuar usufruindo desta força de trabalho na condição de dependência, mesmo após

a Abolição. Ao ex-escravo, restava o agradecimento ao ex-senhor, o Estado se eximiu de qualquer instituição que respondesse pelos estragos da escravidão, e a sociedade brasileira passou para adiante esta idéia de que existiria um patronato generoso. Questionava-se o proprietário desalmado, mas não o estatuto das relações sociais.

Mesmo com estas desigualdades enfocadas, a vida doméstica estava pautada no signo da intimidade entre as partes, senhor e criado não podiam evitar que seus hábitos fossem conhecidos, havia uma interação dos diferentes modos de vida. Tia Nastácia opina sobre as decisões dos habitantes da casa, porém, o tempo toda sua opinião é desconsiderada, pois ela faz parte do povo, como disse Dona Benta, o povo são as pobres Tias Nastácias, sem cultura e que não sabem ler e escrever, portanto, sua função é apenas servir aqueles que possuem este saber. Citando novamente Lajolo (1998), o livro *Histórias de Tia Nastácia* (1937), diz respeito ao rumo que tomava nos anos 30 a nossa cultura que caminhava no sentido de uma modernização. Desta forma, a autora afirma:

Assim, na moldura da situação na qual as Histórias de Tia Nastácia são contadas (projeto iluminista de Pedrinho), temos já explícita e inevitável a assimetria que rege a situação. Sem idealizações e sem meias palavras, os leitores das Histórias de Tia Nastácia são voyeurs de uma situação na qual os ouvintes das mesmas histórias, sem complacência e sem papas na língua desqualificam as matrizes populares de onde vêm as histórias que ouvem.

O estereótipo da “negra beijuda e de estimação” representado por Tia Nastácia, usa um lenço amarrado na cabeça e é gorda, foi utilizado pelo autor a fim de construir a personagem que tem um espaço negado num Brasil idealizado, em que o progresso científico e tecnológico, a industrialização e o petróleo lá chegaram, no entanto, percebemos que a relação entre brancos e negros conserva a idéia de superioridade dos primeiros.

A coexistência de “dois mundos” diferentes no Sítio do Picapau Amarelo é proveniente da constante oscilação que, conforme Regina Crespo (2004), Lobato vivenciou na sociedade brasileira do período em que ele escreve. O progresso e o atraso, o moderno e o tradicional, são pares de oposição que na obra infantil do autor apareceram representando esferas diversas, mas que se unem no momento em que suas fronteiras não estão certamente definidas.

Como dissemos, a relação existente entre Dona Benta e seus criados é marcada pela herança do escravismo. Tia Nastácia, a criada interna da casa enquanto Tio Barnabé, não tem acesso livre à “casa-grande” e realiza o trabalho braçal no sítio, e mora num rancho de sapé nos fundos da propriedade da patroa. De acordo com Jessé Souza (2000), os escravos e os agregados são objetos do senhor, mas a escravidão cria uma competição pelos favores do senhor, que cria uma hierarquia que marcou toda a nossa sociabilidade:

O escravo doméstico, ao qual era oferecida a possibilidade da proximidade do senhor e de sua família, tinha, de plano a enorme vantagem de livrar-se do trabalho duro e pesado nos campos. Dentro do ambiente doméstico, a luta por espaço e tratamento diferenciado forçava a obediência e a fidelidade completa à vontade do senhor e da sua família (SOUZA, 2000, p. 258).

Essa dependência negativa, ainda na esteira de Souza (2000), assume como verdadeiro o desejo de outrem (superior), como se fosse seu. A opressão passa a não ser vista como imposição de uma vontade violenta, mas sim passa a ser vivida como vontade própria. Entretanto, essa aparente vantagem de viver no ambiente doméstico, não redime Tia Nastácia do trabalho árduo e pesado, mesmo que não seja nos campos. Na casa, ela trabalha muito, tanto que no livro *Serões de Dona Benta* (1937), é chamada por Emília de “máquina de fazer comida”, no momento em que a avó passa ensinamentos às crianças sobre as benesses que as máquinas trouxeram ao mundo e à “civilização”. Observemos o diálogo entre Dona Benta e Tia Nastácia:

– Agora temos que atender à campainha de Tia Nastácia, que está nos chamando para o café:

Emília disse:

– Está ali uma qualidade de máquina bem importante: a máquina de fazer comida. Sem ela, que seria de nós...?.

Desta forma, apesar da relação existente entre Tia Nastácia e Dona Benta ser marcada pelo signo do personalismo e não atender aos princípios racionais de trabalho, ela trabalha muito, a ponto de ser comparada à uma máquina que não pára de produzir comida, já que está é a sua principal função.

No Sítio do Picapau Amarelo, há uma evidente divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho braçal. Sob a influência do positivismo, Lobato acreditava que era possível harmonizar as diferentes posições sociais dentro da ordem capitalista, sem rupturas. O papel desempenhado na sociedade por Tia Nastácia e Tio Barnabé era o trabalho braçal e quanto às crianças e Dona Benta, o papel é exercer a intelectualidade funcional, atrelada ao progresso científico do país. De acordo com Regina Crespo (2004, p. 20):

Organicista, a preocupação primordial do autor era velar para que a sociedade brasileira pudesse evoluir e funcionar como “organismos” que cumpriam suas respectivas funções.

Ao mesmo tempo em que Dona Benta ensina os diversos conhecimentos científicos - provenientes do projeto Iluminista, que se pautava na máxima do conhecimento universal

- para seus netos, ela conserva em sua propriedade relações com seus agregados, herdadas da ordem escravocrata. A união de características patriarcais com características que seguem a nova racionalidade burguesa fazem de Dona Benta uma figura representante não apenas do atraso do país, mas também do seu progresso, ainda que persista “substrato bárbaro”, isto é, o resquício da escravidão.

Podemos perceber que neste Brasil idealizado por Lobato, no Sítio do Picapau Amarelo, havia uma idéia de associação harmoniosa entre o capital e o trabalho. A partir de um olhar crítico porém, se vê que esta harmonia dependia da aceitação de uma submissão na dimensão do trabalho, pois, o braçal e desqualificado tecnicamente estava reservado principalmente aos negros. Assim percebemos que as relações raciais evidenciam a manutenção dos papéis de negros e brancos, estes desempenhariam a função do pensar intelectual, enquanto aqueles sempre deveriam estar dispostos ao trabalho pesado e servil. Esta idéia tanto era presente num segmento intelectual da sociedade brasileira que seria desenvolvida de forma “sociológica” por Gilberto Freyre – admirador de Lobato – em *Casa-grande & Senzala*. Assim, no país metafórico realizado no Sítio, reproduzia-se também uma utopia de uma certa elite brasileira, a harmonização da relação entre capital e trabalho, entre brancos e negros, cada um cumprindo seu papel e funcionando em seu devido *lugar*.

REFERÊNCIAS

- CRESPINO, Regina. *Itinerários intelectuais: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación*. México: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos, 2004.
- D’ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1890-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LAIJOLO, Marisa. Negros e Negras e Monteiro Lobato. In: _____. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LOBATO, Monteiro. *O poço do Visconde*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1960.

LOBATO, Monteiro. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1971.

LOBATO, Monteiro, *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro, *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Ed. Duas cidades, 2000. p. 16-17.

SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.